

Uma Medicina Integral

(do livro Uma Teoria de Tudo)

Em nenhum outro campo os quatro quadrantes se aplicam tão bem quanto na medicina e esse modelo tem sido cada vez mais adotado pelos sistemas de saúde ao redor do mundo. Uma breve análise dos quatro quadrantes mostrará por que um modelo integral pode ser proveitoso. (Neste exemplo estaremos abordando os males físicos - uma fratura, um câncer, uma doença cardíaca, etc. - e como tratá-los da melhor maneira, uma vez que esse é o foco da maior parte da medicina ortodoxa.)

A medicina ortodoxa ou convencional é uma abordagem clássica de quadrante Superior Direito. Ela está voltada quase que inteiramente para o organismo físico e realiza intervenções físicas: cirurgias, drogas, medicamentos e mudanças comportamentais. A medicina ortodoxa acredita essencialmente nas causas físicas e, portanto recomenda na maior parte das vezes intervenções físicas. Mas, segundo o modelo holônico, cada evento físico (SD) tem ao menos quatro dimensões (quadrantes) e, dessa forma, mesmo a doença física deve ser encarada da perspectiva dos quatro quadrantes (não me refiro aos níveis, aos quais mencionarei depois). O modelo integral não nega a importância do quadrante Superior Direito, ele apenas o encara como um dos quatro aspectos da realidade.

O interesse crescente pela medicina alternativa - incluindo disciplinas como psiconeuroimunologia - tornou bastante claro que os estados *interiores* do indivíduo (emoções, atitude psicológica, imaginação e intenções) têm um papel crucial a desempenhar na *causa* e na *cura* até mesmo de males físicos. Em outras palavras o quadrante Superior Esquerdo é um ingrediente-chave em qualquer tratamento médico. A visualização, a afirmação e o uso consciente da imaginação têm se revelado importantes instrumentos no tratamento da maior parte das doenças e os resultados parecem depender dos estados emocionais e da perspectiva mental.

Mas assim como os fatores subjetivos são importantes, a consciência individual não existe num vazio; ela está inextricavelmente associada a valores culturais, crenças e visões de mundo compartilhados. O modo como uma cultura (IE) encara uma doença em particular - com atenção e compaixão ou com escárnio e desprezo - pode ter uma profunda influência na maneira como uma pessoa lida (SE) com essa doença, o que pode afetar diretamente o seu curso (SD). De fato, muitas doenças não podem nem sequer ser definidas sem que se leve em conta o cenário cultural (o que você considera uma erva daninha, por exemplo, depende do que está tentando cultivar). O quadrante Inferior Esquerdo inclui um número enorme de fatores *intersubjetivos*, que são cruciais em qualquer interação humana - tal como a comunicação entre médico e paciente; as atitudes da família e dos amigos e o modo

como tratam o paciente; a aceitação cultural (ou o preconceito) com respeito a uma doença em particular (por exemplo, a AIDS); e os próprios valores da cultura que está sob a ameaça da doença. Todos esses fatores são, até certo ponto, responsáveis pelo surgimento de qualquer mal físico e pela sua cura (simplesmente porque *todo* hólon tem quatro quadrantes).

Naturalmente, na prática, esse quadrante precisa ser limitado a fatores que realmente exerçam alguma influência - talvez as habilidades de comunicação entre médico e paciente, grupos de apoio de amigos e parentes e a compreensão geral dos julgamentos culturais e de seu efeitos sobre a doença. Os estudos mostram de forma consistente, por exemplo, que os pacientes de câncer que frequentam grupos de apoio vivem mais do que aqueles que não dispõem do mesmo apoio cultural. Portanto, alguns dos fatores mais relevantes do quadrante Inferior Esquerdo precisam ser levados em conta em qualquer abordagem médica.

O quadrante Inferior Direito refere-se a todos aqueles fatores materiais, econômicos e sociais que quase nunca são relacionados à doença, mas que, na verdade, são - como qualquer outro quadrante - agentes *causadores* da doença e da cura. Um sistema social que não possa dar conta de suprir alimentos matará você (como os países devastados pela fome demonstram claramente). Mesmo em países desenvolvidos, se você tiver uma doença fatal e o seu plano de saúde ou o sistema de saúde pública não cobrirem essa doença, você morrerá. A causa da sua morte: pobreza. Como não costumamos pensar dessa forma, em geral dizemos que são os vírus que matam as pessoas. O vírus é uma parte da causa, mas os outros três quadrantes também o são. Quando o FDA (Food and Drug Administration, órgão do governo que regulamenta os alimentos e medicamentos nos Estados Unidos) estava vetando as drogas que poderiam ajudar os pacientes de AIDS, um homem aidético parou em frente ao Congresso e disse, “Não deixem que meu epitáfio seja: *Causa mortis: Burocracia*”. Mas o que acontece é exatamente isso.

No mundo real, onde cada entidade possui quatro quadrantes, um vírus do quadrante Superior Direito pode ser o maior problema, mas sem um sistema social (ID) que possa providenciar um tratamento, você morrerá. Essa não é uma questão à parte, é uma questão essencial do problema, porque todos os hólons têm quatro quadrantes. O quadrante Inferior Direito inclui fatores como o aspecto econômico, os sistemas de saúde, os sistemas sociais de abastecimento e mesmo coisas simples como as instalações hospitalares (se permitem um fácil acesso, etc.) - sem mencionar aspectos como a poluição ambiental.

Os itens subseqüentes se referem ao aspecto “todos os quadrantes” da causa e da cura (tratamento) da doença. A parte “todos os níveis” refere-se ao fato de que todos os indivíduos têm - ao menos - os níveis físico, emocional, mental e espiritual em cada um desses quadrantes (veja as figs. 4-5 e 4-6). Algumas doenças têm muitas causas e curas físicas (se você for atropelado por um ônibus e quebrar a

perna, do ponto de vista físico, isso se resolve com um gesso). A maior parte das doenças, no entanto, tem causas e curas que incluem ondas *emocionais mentais e espirituais*. Mencionei esses níveis específicos em *Grace and Grit* (o texto anterior “A visão “new-age” sobre doença e carma” é justamente o trecho do livro em que Ken menciona os níveis) e eu não me repetirei aqui; centenas de pesquisadores ao redor do mundo têm ampliado enormemente o nosso entendimento da natureza “multinível” da doença e da cura (incluindo as contribuições inestimáveis das grandes tradições de sabedoria, desde o xamanismo até as práticas tibetanas). A questão é que, simplesmente ao adicionar esses níveis aos quadrantes, um modelo médico muito mais abrangente e eficaz começa a surgir.

Em resumo, um plano verdadeiramente eficaz deveria ser do tipo “todos os quadrantes e todos os níveis”: a idéia é a de que cada quadrante ou dimensão - eu, nós, isso - têm ondas ou níveis físicos, emocionais, mentais e espirituais (fig. 4-6), e um tratamento verdadeiramente integral levaria todas essas realidades em conta. Esse tipo de tratamento integral não é apenas mais *eficaz*, como é também, por essa mesma razão, mais *viável em termos de custo* - e por isso mesmo a medicina organizacional está interessada em analisá-lo com mais atenção. Entre as centenas de teóricos que possuem excelentes trabalhos na área, quero ressaltar John Astin, que escreveu com grande percepção sobre a aplicação da teoria holônica na medicina alternativa e complementar, Pat Odgen e Kekuni Minton, Gary Schwartz e Linda Russek, Wanda Jones e James Ensign (do New Century Healthcare Institute); Barbara Dossey e Larry Dossey, que se valeram da teoria holônica para complementar seu extenso e original trabalho sobre “a grande cadeia de cura”.

Alguns de nós formamos recentemente o Integral Institute, com ramos da medicina integral, da psicologia integral, da política integral e assim por diante. Entre os membros do Institute of Integral Medicine estão, além dos teóricos mencionados no parágrafo anterior, Ken Pelletier, Mike Murphy, George Leonard, Marilyn, Schiltz, Joan Borysenko, Jeanne Achterberg e Jon Kebat-Zinn. Os membros do Integral Institute não concordam necessariamente com todos os detalhes da minha versão de integralismo, mas compartilham um profundo interesse por uma visão mais integral, mais equilibrada e mais abrangente, que inclua o espectro matéria-mente-espírito exercido pelo eu, pela cultura e pela natureza.

Fig. 4-5

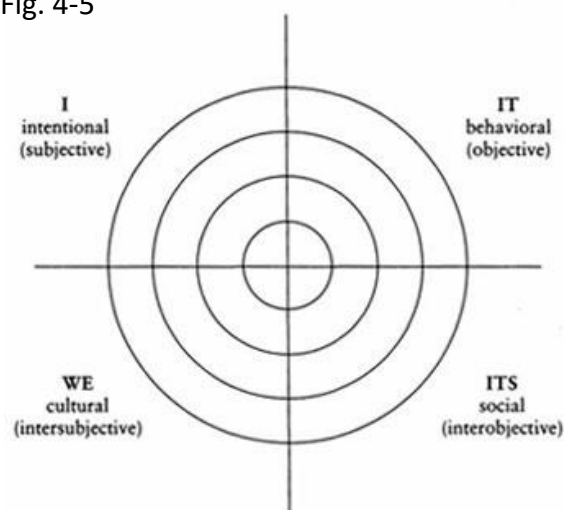


Fig. 5-6

